

FH defende equipe econômica

Presidente diz que críticas às políticas do Governo são críticas a ele, pois decisões são suas

Adriana Vasconcelos

BRASÍLIA

Em meio à briga com aliados para formar o novo Ministério e à queda-de-braço com empresários sobre a política econômica, o presidente Fernando Henrique Cardoso rebateu críticas, disse que as taxas de juros não dependem só da vontade do Governo e reiterou ontem, a uma plateia de cerca de 300 empresários na Confederação Nacional da Indústria (CNI), sua disposição de criar o Ministério do Desenvolvimento.

O presidente respondeu às críticas que o empresariado vem fazendo à condução da política econômica por causa da manutenção de taxas de juros altos. Disse que todas as decisões do Governo são suas e que a redução dos juros não depende da vontade isolada de uma pessoa, nem de uma equipe técnica. E aproveitou para fazer uma defesa indireta da equipe econômica:

— A vontade do presidente está por trás das decisões. Portanto, as críticas que forem dirigidas às políticas do Governo são dirigidas a mim, porque a responsabilidade é minha.

Ao reafirmar sua autoridade, Fernando Henrique confirmou em definitivo a decisão de criar o Ministério do Desenvolvimento:

— A criação desse órgão é decisão minha e não está em discussão. Disse há muito tempo que o faria e farei.

Ele adiantou a estrutura da pasta: o Ministério de Indústria e Comércio mais o BNDES e os bancos do Nordeste e da Amazônia. Ao dizer que sua decisão já está tomada, Fernando Henrique deu a entender que não cederá às pressões de setores da base, especialmente no PFL, para que desista do novo ministério.

FH: "Definições cruciais significam a vontade do presidente"

— Acho que a criação desse ministério é uma coisa que vai responder aos anseios do setor produtivo, vai ser uma peça fundamental para o ajuste fiscal, para a manutenção das nossas políticas macroeconômicas. E portanto não pode ser pensado como se fosse um pólo contrário àquilo que é decisão do presidente. Até porque só os ilusos (iludidos) imaginam que, num Governo que é eleito e tem apoio congressional, sejam possíveis definições cruciais sem que elas signifiquem a vontade do presidente — observou, no lançamento do Conselho Empresarial Brasil 500 Anos.

Essas palavras agradaram aos tuca-nos presentes. Eles saíram convencidos de que venceram a queda-de-braço.

— O presidente tem todo o nosso apoio e só manteve hoje o que já havia dito que faria — comemorava o deputado José Aníbal (PSDB-SP), ao lado do deputado Antônio Kandir (PSDB-SP).

Depois de ter ouvido apelos do presidente da CNI, senador Fernando Bezerra (PMDB-RN), e do empresário Antônio Ermírio de Moraes para que o Executivo mantenha um canal de diálogo direto com o setor empresarial, o presidente prometeu que o futuro Ministério do Desenvolvimento desempenhará esse papel. Segundo Fernando Henrique, a pasta ainda poderá promover a reestruturação das exportações e atuar com mais eficiência nos casos de concorrência desleal.

Presidente diz que se dependesse dele taxa de juros seria de 1%

Quanto às reivindicações do setor empresarial para que o Governo reduza as taxas de juros, Fernando Henrique explicou que essa é uma decisão que não depende só de sua vontade ou da equipe econômica, mas da conjuntura dos mercados interno e externo. E lembrou que a redução dos juros continua atrelada à aprovação das reformas constitucionais e do ajuste fiscal.

— Se dependesse de mim, a taxa de juros seria de 1%. Mas não depende. É ilusão imaginar, na condição desse mundo globalizado, que a decisão sobre juros é formada pela equipe de Governo, mas pelos mercados interno e externo, que prestam atenção a qualquer gesto. Até mesmo quando de repente, até por falta de coordenação, e eu assumo a responsabilidade, numa decisão congressional, se tem a impressão de que não vamos ter mais ajuste — explicou.

No longo pronunciamento, o presidente cobrou dos empresários e da sociedade maior empenho a favor das reformas constitucionais e reclamou da falta de apoio em votações importantes.

— Os que estão perto de mim sabem que nos momentos das votações das reformas trabalho todo o tempo, e quase

sempre com muito poucos do meu lado. Quase sempre as lideranças lutando para obter alguns avanços e a sociedade parece que assistindo distante a uma luta de gladiadores. Mas não dá arma prática na hora da briga para o lutador que está do bom lado. Eu os conclamo para que venham para a arena. Não para a Arena que sempre detestei, mas na arena do Brasil que se constrói hoje, que é de um Brasil que precisa do diálogo, que precisa de todos, não só na palavra, na retórica, que seja da crítica ou do elogio, mas no dia a dia. E o dia a dia é mais áspero, às vezes é solitário, injusto e desagradável, mas é com ele que se contrói uma nação — queixou-se.

O presidente justificou o encontro da semana passada com o presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva.

— Ouvi aqui e ali alguns reparos ao fato de algo que me deu muita alegria. Convidei o meu principal opositor para conversarmos. Só conversarmos. Ele aceitou. Isso me deixou muito feliz, por ele ter aceito. Porque acho que é neces-

sário que as diferenças não signifiquem obstáculos a ver em conjunto o caminho do futuro, mesmo divergindo, mesmo entrando em conflito, mesmo não estando de acordo. Mas a democracia implica isso. E isso é tolerância, não é a minha. É fácil ser um presidente e convidar alguém. Mais difícil é, não sendo presidente, sendo derrotado, aceitar o convite desse alguém — salientou.

Fernando Henrique volta a lembrar que 99 será um ano de dificuldades

Fernando Henrique admitiu que 1999 não será um ano de facilidades, mas de dificuldades e austeridade.

— Não prometo em 1999, como não prometi em setembro deste ano, durante a campanha eleitoral, um ano de facilidades. Prometo um ano de correção, de preparação, um ano de dureza.

Fernando Henrique garantiu que a indústria não será tratada com descaso pelo Governo e foi aplaudido pela plateia. Mas explicou que o ajuste fiscal se faz necessário.

— Nós vamos levar adiante esse combate do déficit fiscal custe o que custar. Antônio Ermírio falou em sangue, suor e lágrimas, talvez sem sangue, espero, pelo menos o meu, mas com muito suor e lágrimas também, porque é difícil cortar despesas. Assim como dói aos empresários dispensar o trabalhador, dói ao presidente tomar decisões que ele sabe que vão ocasionar dispensas. E dói também cortar gastos de ministérios que são essenciais para o desenvolvimento. Mas a razão impõe o ajuste fiscal — destacou.

O presidente encerrou o discurso mostrando preocupação com o crescimento da taxa de desemprego no mundo.

— Na virada de século, as fontes de conflitos internacionais não estão mais nas disputas de fronteiras, nem nas diferenças ideológicas, mas na guerra pelo emprego. Resta agora recriar as condições para assegurar um crescimento mais rápido e sustentado, condição indispensável para a geração de emprego e distribuição de riqueza — revelou. ■



FERNANDO HENRIQUE discursa no lançamento do Conselho Empresarial Brasil 500 Anos: apelo a que todos colaborem com o Governo

Ailton de Freitas